

“SOBRE VAMPIROS E PURPURINAS”: DIZERES SOBRE SEXUALIDADE EM DIÁRIOS DE LEITURA

Rhena Raize Peixoto de Lima (UFRN)
rhenaraize@yahoo.com.br

Orientadora: Maria da Penha Casado Alves (UFRN)
Penhalves@msn.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se constitui como um recorte de uma dissertação de mestrado defendida na UFRN, pelo departamento de Letras. O objetivo principal da pesquisa foi analisar vozes presentes em dez enunciados retirados de diários de leituras diferentes escritos por alunos do Ensino Médio do *campus* Natal-Central.

O gênero diário de leitura se constitui como uma atividade de sala de aula, em que os alunos escrevem diariamente com o objetivo de registrar suas impressões pessoais acerca de um texto que estão lendo. No caso dos diários selecionados para esta pesquisa, os textos analisados pelos alunos foram publicados em revistas como *Superinteressante*, *Mundo Estranho*, *Capricho*, *Veja*, entre outras. Nesses registros, podemos encontrar posicionamentos sobre temas diversos, motivados pelo texto analisado. A partir desses temas, os enunciados presentes nos diários foram divididos em categorias que sinalizavam a representação das vozes dos enunciados: *Choque dialógico*, *Dizeres sobre sexualidade* e *Dizeres sobre o comportamento feminino*. Para este momento, como o próprio título deste artigo aponta, iremos abordar o que os sujeitos participantes têm a dizer sobre sexualidade.

Além disso, no percurso da pesquisa, notamos que enquanto que um desses enunciados o posicionamento apresentado se dava de forma explícita, nos demais os posicionamentos apareciam de forma implícita. Recorremos, portanto, ao que Bakhtin (2010b) nomeia como Polêmica Discursiva. Para o autor, esse fenômeno ocorre quando a palavra do outro está em relação de dissonância com a palavra do eu. Nesse sentido, o discurso do outro é refratado no discurso do eu, porém essa refração pode ocorrer de duas maneiras: por meio da polêmica velada e por meio da polêmica aberta.

Na primeira, o discurso do outro é refratado de maneira implícita, pois o objeto do discurso do eu não é a voz refratada, mas outra voz que nos faz perceber, por meio das escolhas composicionais, que ela também está sendo refutada, muitas vezes mais do que a voz que pode ser percebida como objeto do discurso do eu, conforme veremos em nossas análises.

A polêmica aberta, ao contrário, pode ser representada por um discurso que faz do discurso do outro o seu objeto e o refuta abertamente. Sabemos que, também neste caso, outros discursos podem ser refutados no mesmo enunciado, de forma aberta ou velada. Mas, consideramos para a análise o discurso refutado que permeia grande parte de cada um dos enunciados.

Dentro dessa perspectiva, os diários constituem-se como um espaço propiciador de palavras dissonantes, em um contexto passível de dissenso. Sendo assim, baseando-

se nas características do gênero e nos fenômenos discursivos aqui apontados, dividimos as categorias já apontadas em dois grandes grupos: no primeiro, inserimos os enunciados em que a voz predominantemente refratada aparece no enunciado como uma polêmica aberta; no segundo, inserimos os enunciados em que a voz predominantemente refratada não é explicitada no enunciado, mas pode ser percebida após a análise dos elementos composicionais nele presentes.

Essa separação não constituiu em uma tarefa simples, pois alguns enunciados apresentam ambos os tipos de polêmica. Nesses casos, inserimos um mesmo enunciado em ambos os grupos e procuramos analisar as vozes principais, responsáveis por sua inserção em cada grupo.

A seguir, reproduzimos o quadro construído para resumir a divisão em grupos e categorias.

POLÊMICA ABERTA			POLÊMICA VELADA	
Choque dialógico	Dizeres sobre sexualidade	Dizeres sobre o comportamento feminino	Dizeres sobre sexualidade	Dizeres sobre o comportamento feminino
"A melhor parte de mim"	"O mundo está chegando ao fim"	"Se você não gosta, azar o seu"	"Sobre vampiros e purpurinas"	"Quero aparecer"
"Para o tucano que a carregue"			"Talento não muito garantido"	"Acerte no visual"
"Meu emocional com a atividade em questão"				"Safadeza gratuita"
"Se você não gosta, azar o seu"				
"Safadeza gratuita"				

Quadro 1: Grupos de categorias¹
Fonte: Autoria própria, 2013.

Primeiramente, veremos um enunciado que foi inserido no grupo da *Polêmica Aberta*. Em seguida, nos deteremos às análises dos enunciados do grupo da *Polêmica Fechada*. Em todos os casos, ressaltamos, tratam-se de análises de enunciados cuja categoria atribuída foi *Dizeres sobre sexualidade*.

¹ O quadro foi produzido para ilustrar a divisão em grupos e categorias na dissertação. Por isso a presença de dez enunciados no quadro, dos quais apenas três serão apresentados neste artigo.

1. Polêmica aberta: *O mundo está chegando ao fim* (parte I)

O enunciado reproduzido a seguir foi dividido em duas partes. Neste momento, apresentaremos a análise da primeira parte.

Olhar para esse texto me dá desgosto. Quando olho para esse texto percebo que o mundo está chegando ao fim. Como as garotas podem achar beleza onde não há beleza? Olhem para a cara desses “meninos”, eles são um bando de fresco, sem dúvida, já saíram do armário faz tempo.

Nessas horas eu sinto pena, e como sinto pena dos pais desses “garotos”, no meu caso, eu não saberia o que fazer, se a bixinha ficasse irritada comigo seria preconceituoso de minha parte? Ah, que se dane, se até 2012 eu ter um filho, não vai dar tempo para saber se é macho ou bicha.

Engraçado nesse texto é que as bixas são super parecidas, usam o mesmo batom, a mesma prancha, o mesmo óculos, super gay. O que eu acho é que as mulheres notando que os homens são todos iguais, e não prestam, então elas estão achando mais bonito aquele que mais se aproxima de uma mulher.

Analisaremos um texto que avalia um anúncio publicitário sobre os *colírios Capricho*. Os chamados colírios são meninos escolhidos mensalmente, por meio de votação, pelo público da revista, feminino e adolescente, que avalia e elege os candidatos segundo seus critérios de beleza. Para divulgar a votação, a revista produz anúncios publicitários, publicados também em outras revistas. A rápida fama dos garotos não para por aí. De acordo com o site da “Capricho”, muitos desses meninos possuem fãs-clubes, que realizam promoções e sorteios para conseguir o maior número possível de votos para o seu escolhido.

Porém, segundo o autor do enunciado, além de não haver beleza nos candidatos, eles possuem características próprias do universo feminino, o que seria uma justificativa para incluí-los no grupo dos homossexuais. Isso pode ser confirmado explicitamente com o uso de expressões como “fresco”, “sair do armário”, “bicha”, “bixinha”, expressões, inclusive, pejorativas; e por meio de informações implícitas como as aspas que acompanham sempre a expressão “garoto” e “meninos”, que sugerem uma dúvida com relação à sexualidade dos rapazes do anúncio.

Podemos perceber também que o autor antecipa as possíveis vozes que se levantarão contra seu ponto de vista. Ao revelar, em tom de ironia, que “se a bixinha ficasse irritada comigo seria preconceituoso de minha parte? Ah, que se dane” revela a consciência de que poderá ser chamado de preconceituoso. Mesmo assim, o aluno não se mostra indeciso, nem modaliza seu discurso para que ele apareça um pouco mais ameno. A falta de modalização pode ser confirmada, principalmente, na escolha das expressões, que não é aleatória, e que antecipa uma depreciação com relação ao grupo dos homossexuais, a qual será reafirmada posteriormente no texto, quando o produtor se diz aliviado com o fato de não poder ver um filho seu tornar-se homossexual, uma vez que até 2012 (ano em que, segundo profecia maia, o mundo iria acabar) não haveria

tempo suficiente para descobrir se seu filho é homossexual ou não. Ou seja, antes um filho morto do que homossexual.

Nesse caso, vemos também que a vaidade é associada à figura feminina quando o produtor do texto cogita a possibilidade de as mulheres acharem esse tipo de garoto bonito porque, para elas agora, bonito é aquele que “mais se aproxima de uma mulher”. Além disso, esse trecho do enunciado incorre na generalização, incluindo todas as mulheres na aprovação de um estilo representado pelos garotos.

Porém, o que mais nos despertou interesse nesta análise foi a forma como o diarista se posiciona, abertamente, contra a homossexualidade. Esse posicionamento representa uma polêmica aberta, uma vez que o autor do enunciado traz a voz que será refutada para o seu texto. Essa voz não consiste apenas na voz que é a favor dos homossexuais. A mesma expressão irônica que analisamos anteriormente denuncia uma resposta ao discurso, antecipado no enunciado, de um supradestinatário², o qual pode ser identificado aqui como a voz do que se costuma chamar hoje *politicamente correto*, tão presente nos discursos atuais. É como se o produtor do diário questionasse esse supradestinatário sobre seu comportamento “preconceituoso”, revelado em seu diário: “se a bixinha ficasse irritada comigo seria preconceituoso de minha parte?” A resposta ao questionamento deixa clara a discordância e a não preocupação com o julgamento do outro: “Ah, que se dane”.

Sobre o discurso do politicamente correto, Amorim (2007) diz que

O politicamente correto é o discurso que evita tocar nas desigualdades e podemos dizer que ele é a versão discursiva atualizada daquilo que tradicionalmente chamamos de tabu. Ao se referir a segmentos explorados e excluídos da sociedade, o politicamente correto utiliza eufemismos, palavras gentis e polidas como se, num ato performativo do discurso, pudesse assim ocultar a desigualdade da relação e apaziguar o conflito. (AMORIM, 2007, p. 25). 127

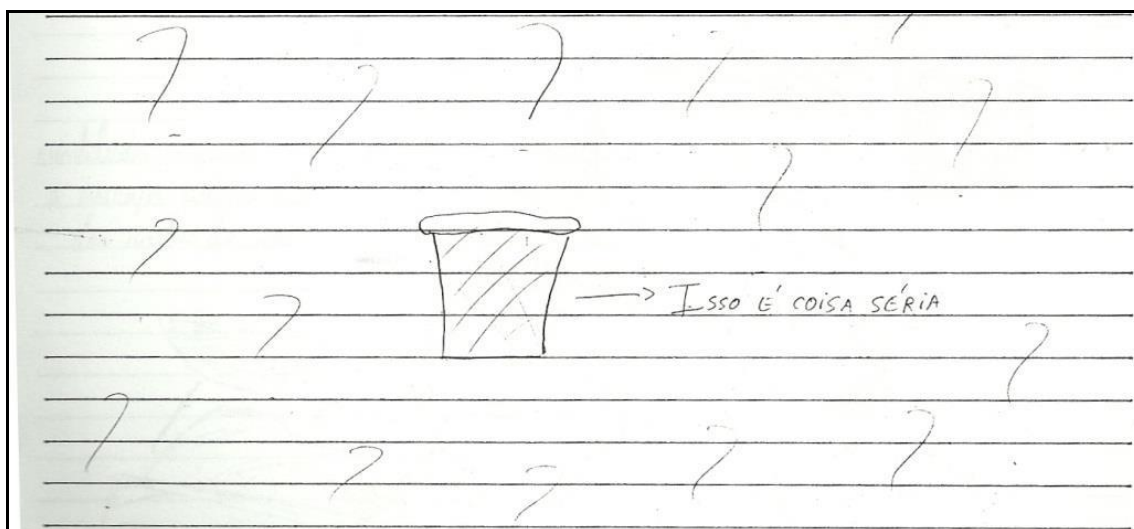
Então, podemos compreender que a voz do diarista, além de homofóbica, apresenta-se como uma resposta a um discurso que procura amenizar a diferença, mas, nessa tentativa, acaba sendo apenas mais um instrumento de exclusão. Sendo assim, o sujeito prefere optar pela afirmação de um discurso com vistas a ser condenado por lei federal³ à simples alteração de certos termos utilizados para mascarar um discurso ainda tão presente em nossa sociedade.

Vejamos a seguir como a polêmica aberta ocorre na segunda parte do enunciado.

² Para Bakhtin (2010a), o supradestinatário de um enunciado dado corresponde a uma voz representante de uma ideologia vigente em uma determinada época que influencia direta ou indiretamente o posicionamento do produtor desse enunciado. Na análise em questão, o autor refuta todos aqueles que poderão julgá-lo ou considerá-lo preconceituosa.

³ Atualmente, existe um a existência de um projeto de lei que propõe a criminalização de atos preconceituosos contra homossexuais, aprovado pela comissão de juristas que discutem o código penal. A ementa do projeto de lei pode ser encontrada na página <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604>. Acesso em: 04 jan. de 2013.

2. Polêmica aberta: *O mundo está chegando ao fim* (parte II)



A segunda parte do enunciado em análise precisa de uma pequena contextualização para que possa ser entendida como confirmação da voz presente na parte anterior. No início do seu diário, o aluno explicou que utilizaria a imagem da lixeira para representar um “besteirômetro”, ou seja, um instrumento capaz de medir a quantidade de “besteiras” que ele escreveu na sua própria avaliação. Então, ele lia o texto da revista, fazia sua avaliação no texto verbal e, em seguida, avaliava também o seu posicionamento e a forma como ele foi construído, por meio da linguagem visual. O nível de besteira é medido pela quantidade de lixo, representado em seus desenhos por papéis amassados, contidos na lixeira.

Dentre todos os enunciados do diário em questão, este é o único que apresenta a lixeira vazia, acompanhada de interrogações a seu redor (onde estão os papéis?) e por uma frase: “Isso é uma coisa séria”, que, em outras palavras, pode significar “você não se enganou, é isso mesmo o que você leu, eu não aceito, não respeito, não admito...” ou até mesmo “se eu não coloquei nem ao menos um papel no lixo é porque deve-se dar muita importância ao meu posicionamento”. A construção dessa imagem significa, então, que nada do que foi dito no enunciado IV deve ser jogado no lixo, pode ser considerado “besteira”.

Essa segunda parte do enunciado, portanto, reitera a negação do discurso politicamente correto em voga atualmente, funcionando como réplica ao discurso do respeito às diferenças e ao discurso do combate à homofobia tão propagado atualmente. O desenho do aluno confirma não apenas a relevância que pretende dar a seu ponto de vista, mas também como está decidido a defender esse posicionamento, utilizando seu lugar único e singular para passar adiante as vozes nas quais acredita.

Passemos agora à análise do grupo Polêmica Velada. Nesse grupo, apresentaremos os enunciados intitulados *Sobre vampiros e purpurinas* e *Talento não muito garantido*, também inseridos na categoria focalizada neste trabalho.

3. Polêmica Velada: sobre vampiros e purpurinas

Hoje eu estava lendo uma reportagem sobre os filmes mais esperados do próximo ano. Todos achavam que ia ser Harry Potter 7.1, mas não, vai ser Eclipse da saga crepúsculo.

Eu achei ridículo, pois HP tem toda uma história, 6 filmes de pura tensão, sempre deixando grande expectativa e do nada perder a fama para um filme idiota de vampiros!

Venhamos e convenhamos, Crepusculo não é original (uma cópia de “The Vampire diaries”), muda completamente o conceito de vampiros, tem uma história, no mínimo, gay, sem contar que os atores atuam ruim!

Onde é que já se viu Vampiro usar maquiagem, trocar lentes de contato a cada cena e no sol brilhar como um purpurina-man, pra mim isso é uma drag Queen. Já HP tem suas viadagens, mas ao menos Harry já pegou 90 % do elenco!

Em alguns enunciados, os alunos não identificam a revista a qual estão analisando. É o caso deste enunciado, em que o autor indica apenas o assunto tratado no texto que está lendo. Antes de partirmos para a análise do enunciado, veremos uma breve contextualização sobre algumas obras por ele contempladas.

A conhecida *Saga Crepúsculo* é composta por um grupo de quatro livros, escritos por Stephanie Meyer, que foram adaptados para o cinema — *Crepúsculo* (2005), *Lua Nova* (2006), *Eclipse* (2007), *Amanhecer* (2008); sendo que os dois últimos só foram traduzidos em português brasileiro no ano de 2009, ano em que este enunciado foi produzido.

A saga narra o encontro entre dois personagens, Bella Swan (interpretada por Kristen Stewart e Edward Cullen (Robert Pattinson), que se apaixonam e lutam pelas adversidades existentes devido à condição em que se encontram: ela, humana, ele, vampiro. A história vai desde o momento em que os dois se conhecem na escola até quando Bella engravida de Edward, após se casarem.

A saga de Harry Potter, por sua vez, é composta por sete livros, que resultaram em oito filmes. Desde 1997, ano em que o primeiro livro foi publicado, as narrativas já foram traduzidas em mais de sessenta idiomas. Escritas pela inglesa J.K. Rowling, contam a história de um garoto, homônimo ao livro, criado pelos tios, que em meados dos anos 1990, na Inglaterra, se descobre bruxo e passa a ter aulas em uma escola de magia, chamada Hogwarts. Cada livro registra um ano de sua vida na escola, na qual ele aprende a usar e controlar a magia, como também a fazer poções.

Ambas as histórias lidam com o fantástico e ressignificam a imagem de bruxo e de vampiro, presentes no imaginário popular como negativas. O confronto entre as formas como as imagens do vampiro e do bruxo são valoradas se faz presente no discurso dos alunos tanto nos diários, em conversas informais, como também na internet. Veremos, na análise, que o produtor do enunciado verbaliza a sua discordância com uma dessas imagens e, concomitantemente, sua preferência a uma outra imagem.

Neste caso, temos o texto verbal em que o autor se posiciona contrário à expectativa para o lançamento do filme *Eclipse*. A sua indignação com o fato pode ser percebida pela presença de alguns pontos de exclamação em algumas frases que discorrem sobre o fato, como também de expressões como “ridículo”, “filme idiota” e os argumentos que seguem essa avaliação. Em sua opinião, a expectativa maior deveria ser em relação ao filme *Harry Potter 7.1*, que possui uma trama mais original e atraente; enquanto que a continuação da *saga Crepúsculo* não passa de um “filme idiota” com

atores de baixa qualidade e personagens com características que não condizem com a imagem de vampiro trazida pelo autor.

No primeiro parágrafo de seu texto, o aluno situa o seu possível leitor acerca do texto que está avaliando. No parágrafo seguinte, ele se posiciona com relação à informação trazida nesse texto. Nos parágrafos que seguem, ele passa a utilizar-se de expressões para avaliar os filmes e a atuação dos atores principais. Observemos que as expressões, gradativamente, vão ganhando um teor valorativo mais forte: “não é original”, “gay”, “drag Queen”, “viadagens”.

Quando atentamos para as expressões utilizadas e para os argumentos que aparecem para justificar a opinião do autor do texto, podemos perceber que, atravessando a depreciação do filme *Crepúsculo*, existe uma voz que dita os elementos que fazem parte do universo masculino e os pertencentes ao universo feminino. Ambos os universos são postos no texto como contrários um ao outro, isto é, os elementos de cada um não podem coexistir em uma única pessoa. De acordo com esse pensamento, arrumar o cabelo e usar maquiagem, por exemplo, são atitudes relacionadas ao feminino e essa imagem, por sua vez, não coincide com a imagem de vampiro conhecida e, como podemos ver, defendida e reafirmada pelo produtor do texto.

“Onde é que já se viu um vampiro usar maquiagem?”. A pergunta retórica põe em questão a feminilidade do personagem principal do filme *Eclipse*, que não é aceita pelo aluno. No final do enunciado, o personagem Edward Cullen é comparado a um “purpurina-man” e a uma “drag queen”, o que parece inaceitável para a imagem de um “verdadeiro” vampiro.

O autor ainda admite que o filme *Harry Potter* tem suas “viadagens”, mas estas são perdoáveis, porque ele já provou sua masculinidade uma vez que já “pegou 90% do elenco”. Essa declaração revela o pensamento de que ser homossexual ou manter um comportamento característico desse grupo constitui uma imagem negativa o suficiente para que o filme de um personagem com hábitos semelhantes aos do grupo não seja digno de apreciação, valoração positiva.

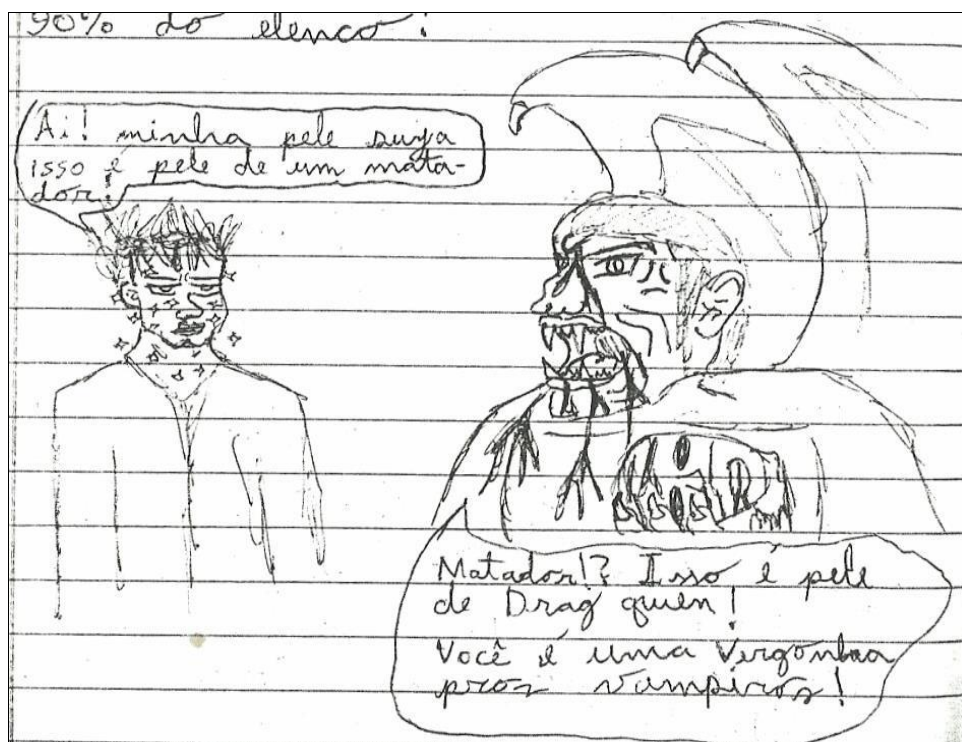
Nesse sentido, encontramos, na primeira parte do enunciado, uma voz que nos orienta a vozes de grupos machistas, contrárias à homossexualidade, uma vez que as justificativas para a avaliação do produtor desse enunciado, em quase sua totalidade, estão pautadas nas características, hábitos (femininos, segundo ele), apresentados pelo personagem principal da saga *Crepúsculo*. Isso comprova o que Bakhtin afirma sobre a questão da avaliação: os discursos que os sujeitos trazem consigo influenciam diretamente na forma como eles compreendem e avaliam o mundo à sua volta. Junto a isso, lembramos também que toda compreensão e avaliação é ideológica. (BAKHTIN, 2010a).

Outra voz que se faz presente no enunciado é uma voz social que dita o que é ser homem, isto é, negar todas as ações praticadas por Edward e “pegar” grande parte do elenco. Essa voz machista é reafirmada por meio desse posicionamento, a voz que diz que o homem afirma sua masculinidade na quantidade de mulheres com as quais se relaciona. Em outras palavras, o aluno conclui que ser vampiro é ser “homem” e ser “homem” é externar sua masculinidade por meio da rejeição a determinados tipos de atitudes e por meio da relação com o maior número de mulheres possível.

Por fim, compreendemos que o enunciado pode ser inserido no grupo das polêmicas veladas, pois, de antemão, o objetivo da análise é fazer uma comparação entre as obras citadas anteriormente. Porém, durante esse análise, o diarista, implicitamente, posiciona-se acerca de comportamentos característicos de homens heterossexuais e homossexuais.

Na mesma análise, logo abaixo do texto, temos a segunda parte do mesmo enunciado que confirma o posicionamento do sujeito sobre o que seria a imagem de um vampiro “original” em oposição à imagem do vampiro apresentado no filme Crepúsculo.

4. Polêmica Velada: “Sobre vampiros e purpurinas” (Parte II)



Na continuação da análise anterior, temos uma tirinha. Do lado direito, o verdadeiro vampiro possui traços grosseiros, dentes afiados, asas grandes, uma cabeça humana nas mãos, representando a crueldade desse ser. Do lado esquerdo, Edward (personagem principal da saga Crepúsculo), aparece com traços delicados, cabelos arrumados e limpos. Apesar disso, Edward insiste em afirmar sua aproximação aos vampiros originais dizendo que sua pele está “suja” e que, portanto, pode ser considerada pele de “um matador”. Esse discurso não convence o outro vampiro que reitera a classificação de “drag queen” que “envergonha” a classe por não possuir as características necessárias para se fazer parte desse grupo.

Estabelecendo o diálogo entre essas duas partes do enunciado, concluímos que a parte II aparece como confirmação do posicionamento apresentado na parte I. No entanto, sobretudo na parte verbo-visual, percebemos a relação feita entre limpeza e vaidade, delicadeza e o universo feminino e homossexual e, em contrapartida, entre sujeira, descuido com a aparência, crueldade e o universo masculino. Assim, para ser vampiro é preciso ser homem e, para ser homem, é preciso apresentar características que representem a masculinidade, segundo essa visão, de ser sujo, mal, descuidado, rude, grosseiro. Portanto, a relação entre essas partes reafirmam o posicionamento machista presente, ainda hoje, em nossa sociedade.

5. Polêmica Velada: “Talento não muito garantido”

Colírios, Capricho, o Brasil vai surtar!

É o seguinte, o texto é pequeno e é uma propaganda sobre os colírios da capricho; escolhi ele, porque é pequeno. Tem um monte de abestalhada com posters na mão e canetas para receber autógrafos e na página esquerda tem uma frase dizendo assim: “Novo tipo de febre ataca só as garotas”, eu não garanto que a tal febre ataque só as garota, também existem homossexuais. Pelo que parece estão fazendo um concurso a procura de mais um colírio capricho, que deverá ser o mais fofo, bonito, talentoso do Brasil, sendo que talento não é lá muito garantido, porque pelo que eu vi no programa na MTV, eles só tem é beleza mesmo e nada mais, a maioria são mimados playboyzinhos, me poupe, e ainda mais com traços afeminados, nem por isso eles deixam de ser bonitinhos, mas, tipo, tem tanto menino por aí, que é legal, e tem mente aberta sem ser esse lesado, sei lá eu tô cansada, poderia ficar aqui falando os muitos motivos para toda essa besteira ser uma coisa besta e inconsequente, mas eu tô cansada, só pra terminar o patrocínio e dado pela rexona teens, e a always. Tchau!!

Apesar de declaradamente cansada, a produtora do enunciado constrói um posicionamento também acerca do anúncio publicitário dos Colírios Capricho.

A autora teve contato com os meninos, segundo seu texto, apenas pela televisão e agora por meio do anúncio. Porém, isso já foi suficiente para que ela atribuisse aos garotos adjetivos como “mimados” e “playboyzinhos”. Segundo o Houaiss, esta última palavra constitui um “rapaz, geralmente rico, solteiro e ocioso, cuja vida social e esportiva é intensa”. (HOUAISS, 2001, p. 583). Ou seja, a definição comporta valor negativo, uma vez que engloba uma atitude reprovada pela sociedade atual: não trabalhar. Além disso, o sufixo *-inho* contribui para uma valoração negativa ainda maior. A desaprovação do que foi lido pela autora por meio do comportamento dos *colírios* é confirmada pela expressão “me poupe”.

Contudo, nada parece mais relevante para tal desaprovação do que o fato de os meninos serem, de acordo com a autora, “afeminados”. Isso fica claro por meio da expressão “ainda mais” que garante uma proporção maior a essa característica. Assim, neste trecho do enunciado, percebemos uma gradação na avaliação dos comportamentos: mimados < playboyzinhos < afeminados. Esse ponto de vista é confirmado quando, na sequência, é introduzida a frase “nem por isso eles deixam de ser bonitinhos”. A conjunção “nem” pressupõe que o comportamento afeminado dos candidatos deveria ser um empecilho para que os garotos fossem classificados como bonitos.

Em seguida, a jovem afirma que os garotos não têm “talento”, porém não deixa claro de que tipo de talento está falando. Considerando a possibilidade de a autora do enunciado referir-se a alguma habilidade ou característica que transcenda a beleza, vemos que, para o tipo de concurso, isso não se faz necessário, pois a única exigência para que participem, segundo o site da revista, é que se encaixem nos padrões de beleza atual e que sejam menores de 18 anos. Sendo assim, não é necessário que os meninos apresentem outro tipo de “talento” neste momento.

Outras questões apontam para a não aceitação do comportamento do garoto pela autora. No início do seu texto, ela considera as admiradoras dos colírios “abestalhadas”. Como não faz parte desse grupo, segue justificando sua desaprovação. Mesmo achando que eles são bonitos, para ela, ainda existem outras opções melhores, meninos “legais” e de “mente aberta”. Afirmando isso, implicitamente, a diarista afirma que os participantes do concurso, segundo avaliação construída por imagens na TV e por fotos em um anúncio de revista, não são “legais”, nem tão pouco possuem “mente aberta”.

Além disso, aos meninos é atribuído o adjetivo “lesado”, o que nos faz pensar que ter um “jeito afeminado”, ser “playboyzinho”, “mimado” e “lesado” significa não ser uma pessoa legal e de mente aberta. As justificativas apontam para essa interpretação, uma vez que, mesmo afirmando que estava cansada e que, se não fosse por isso, elencaria outros motivos para toda a “besteira inconsequente” do anúncio, o posicionamento aqui emitido foi o primeiro que lhe veio à mente, apesar desse cansaço. Isso mostra a prioridade desse ponto de vista para a autora, além de indicar o que se torna relevante na hora de sua análise, visto que ela poderia ter tocado em outros pontos do anúncio que não a aparência dos rapazes.

Mais uma vez, temos um exemplar da polêmica velada, pois o objetivo do texto deveria ser analisar o anúncio, mas acaba resvalando para um posicionamento sobre comportamento e sexualidade masculinos.

CONCLUSÃO

Nas análises apresentadas, pudemos observar que há algo que foge do que é considerado “padrão” que incomoda os autores dos enunciados e influencia seus posicionamentos sobre filmes, textos e comportamentos. Segundo Bauman (1998), o estranhamento causado deve-se ao nosso hábito de querer enquadrar tudo ao nosso redor em “lugares” estabelecidos. O que o sociólogo tem a nos dizer sobre isso é que

Há, porém, coisas para as quais o ‘lugar certo’ não foi reservado em qualquer fragmento da ordem preparada pelo homem. Elas ficam ‘fora do lugar’ em toda a parte, isto é, em todos os lugares para os quais o modelo da pureza tem sido destinado. O mundo dos que procuram a pureza é simplesmente pequeno demais para acomodá-las (BAUMAN, 1998,p.14).

Essa citação pode explicar o estranhamento dos meninos diante da manifestação de um tipo de comportamento, estilo, aparência que não condiz com o que já foi estabelecido cultural e socialmente para os universos masculino e feminino. O que estiver fora desses universos ou que traga aspectos encontrados em ambos não são concebidos pelos diaristas. E é por isso que as diversas formas dos colírios capricho ou o vampiro Edward se vestirem, se comportarem não se adequam ao modelo estabelecido para os comportamentos feminino e masculino considerados padrão e ressignificados ao longo das gerações.

Dos enunciados, ecoam perguntas: O que são essas pessoas? São gays, são homens? Homens que gostam de se vestir como mulher? Homens que gostam de se vestir como homens da atualidade podem se vestir? Não há lugar. Só há perguntas.

Mesmo diante do fato de os autores dos enunciados serem sujeitos jovens, estudantes do Ensino Médio, participantes de uma sociedade em que o discurso da tolerância, do respeito e da convivência com o “diferente” ganha cada vez mais espaço,

sobretudo nas escolas públicas federais, os posicionamentos dos diários revelam que, diante de todo esse contexto, as vozes sociais que negam a aceitação da homossexualidade ou de tudo aquilo que foge ao padrão ecoam fortemente nos discursos.

A conclusão dessa pesquisa nos faz refletir sobre a forma como os discursos circulam na escola, como eles chegam a esses alunos e como são discutidos. É preciso revermos constantemente as metodologias que embasam as discussões em sala de aula sobre sexualidade (e sobre demais temas), e como os alunos respondem a essas discussões, refletindo ou refratando os pontos de vista.

Acreditamos que uma das maneiras para repensarmos nossas posturas em sala e aula é tendo contato e analisado o discurso do aluno, sujeito heterogêneo e principal responsável pela renovação de nossas práticas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **A contribuição de Mikhail Bakhtin**: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Orgs.). Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010b.

BAUMAN, Z. **O mal estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2001.